



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 13 – Ano VII – 05/2018
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

CORDEL, MULHER E NEGRITUDE: PARA UMA EXPERIÊNCIA EMANCIPATÓRIA EM SALA DE AULA

Prof^ª. MSc. Ariadine Maria Lima Nogueira
Mestra em Letras pela Universidade Federal do Ceará - UFC - Brasil
Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Ceará - UFC
Docente da Escola de Aprendizizes Marinheiros do Ceará, Marinha do Brasil -
EAMCE/MB - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2534402568145562>
E-mail: ariadinebr@gmail.com.br

Resumo: O artigo apresenta temática ancorada na pesquisa de Doutorado realizada pela autora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará sobre a representação da mulher na literatura de cordel brasileira. Como recorte temático, objetiva investigar como a leitura de textos cordelísticos pode ser utilizada para dar ensejo a uma experiência emancipatória em sala de aula, levando em consideração o entrecruzamento das temáticas de gênero (com ênfase nas noções propostas pelo feminismo negro) e literatura popular. Como metodologia, foi utilizada uma pesquisa com viés qualitativo, de ênfase bibliográfica, apoiada nos preceitos postulados pelos estudos sobre literatura de cordel, feminismo — onde se encaixa a Crítica Literária Feminista — e ensino de leitura/Literatura, com apresentação do trabalho da escritora Jarid Arraes, responsável pela escrita de textos como a coletânea de cordéis sobre heroínas negras brasileiras. O suporte teórico da pesquisa apresenta autoras que perpassam as diversas temáticas abordadas; nele estão presentes autores como Angela Davis e Djamila Ribeiro, Ana Maria de Oliveira Galvão, Idelette Muzart-Fonseca dos Santos, Guacira Lopes Louro e Susana Bornéo Funck, além do disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais

para o ensino de língua portuguesa. Após o trabalho de pesquisa bibliográfica e da análise textual do cordel *Dandara dos Palmares*, conclui-se que tratar sobre questões de gênero e raça em sala de aula é tarefa importante se queremos transformar a experiência de ensino em momento emancipatório para alunos advindos das mais diferentes realidades.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Leitura. Feminismo. Educação. Crítica literária feminista.

Introdução

Este artigo apresenta temática ancorada na pesquisa de Doutorado realizada pela autora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará sobre a representação da mulher na literatura de cordel brasileira. Esta é feita levando em consideração um espectro mais amplo, tendo em vista uma perspectiva também diacrônica que analisa as ressignificações que a literatura de cordel vem tomando no Brasil, assim como a representação da mulher nesse suporte.

Como recorte temático para a escrita deste trabalho, a proposta foi investigar como a leitura de textos cordelísticos pode ser utilizada para dar ensejo a uma experiência emancipatória em sala de aula, levando em consideração o entrecruzamento das temáticas de gênero (com ênfase nas noções propostas pelo feminismo negro) e literatura popular em verso¹.

Para atingirmos nosso objetivo, utilizou-se, como metodologia, uma pesquisa com viés qualitativo, de ênfase bibliográfica, para tratar de assuntos diversos como as questões relativas ao binômio raça-mulher (que sustenta a ideia do feminismo negro), trazidas à luz de forma especial por Angela Davis em seu *Mulheres, Raça e Classe* e autoras brasileiras e de fervilhante atividade na contemporaneidade, como Djamila Ribeiro, com seu texto sobre *O que é lugar de fala?*, um conceito bastante debatido atualmente e muito pertinente a este trabalho.

A literatura de cordel aqui apresentada fundamenta-se, em sua apresentação, em teóricas como Idelette Muzart-Fonseca dos Santos e Ana Maria de Oliveira

¹ Destaca-se que chamar a literatura de cordel de “literatura popular em verso” como sendo ambas as expressões sinônimas é algo que pode ser discutido, tendo em vista que a própria nomenclatura do suporte é alvo de várias considerações por parte dos estudiosos do tema. Mais à frente neste artigo, traremos breves apontamentos sobre essas querelas, assim como apontaremos um direcionamento para o caminho que julgamos mais adequado.

Galvão, buscando ser analisada de acordo com os preceitos da Crítica Literária Feminista, que põe em relevo as noções de gênero enquanto categoria analítica.

Levando isso em consideração, chegamos à apresentação da ideia da exposição da literatura de cordel em sala de aula como experiência emancipatória em vários sentidos. No caso em tela aqui, isso acontece especialmente quanto às questões de raça² e gênero, algo feito de forma bastante pertinente pela autora Jarid Arraes, escritora proveniente de Juazeiro do Norte – Ceará, hoje radicada em São Paulo, a qual desenvolve um trabalho primoroso especialmente de **resgate**: tanto do suporte folheto de cordel como da ideia de negritude. Dentre seus vários trabalhos, a autora possui uma série publicada em folhetos tratando sobre mulheres negras de nossa história costumeiramente invisibilizadas pela historiografia oficial, a qual foi transformada posteriormente em livro, intitulado *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*.

Destaca-se o uso desses textos em sala de aula, o que já vem sendo feito por educadores(as) de diversas partes do país, possibilitando que alunos das mais diferentes idades/classes sociais/gêneros tenham contato com textos literários diferentes dos que são normalmente lhes apresentados: aqueles preconizados pelo cânone, que, muitas vezes, afasta o leitor de experiências verdadeiramente emancipatórias e libertadoras, tendo em vista tanto a questão dos formatos/suportes quanto das temáticas apresentadas.

Uma questão de cor e gênero

O debate racial explodiu nos Estados Unidos na década de 1960, junto com vários movimentos sociais, dentre eles, o próprio feminismo. O país ainda mantinha negros e brancos em lugares bem delimitados e distintos, com proibições diversas para as pessoas de pele negra: por exemplo, mesmo o grande boxeador Muhammad Ali, ao voltar como campeão das Olimpíadas de Roma, em 1960, foi

² O termo “raça” encontra-se aqui usado no sentido de uma construção sociopolítica, uma categoria social de dominação e exclusão, levando-se em consideração que ele vem sendo substituído, mais recentemente, graças a considerações promovidas pela Biologia, pelo termo “etnia”. Por julgarmos importante ressaltar o conceito como realidade social e política, mantivemos o uso da expressão “raça” em nosso trabalho.

alvo de preconceito ao ser impedido de entrar em determinados estabelecimentos proibidos para negros. Num cenário como esse, chega a fazer sentido a eclosão furiosa de movimentos no sentido de quebrar amarras tão apertadas, que, com certeza, eram ainda mais cruéis para mulheres negras.

No Brasil, entretanto, esses debates demoraram a aparecer de forma mais intensa. As chamadas “ondas do feminismo” chegaram aqui de maneira misturada, com o desejo pela liberdade sexual e direito à igualdade no mercado de trabalho em união com outras questões apresentadas pela terceira onda feminista. Quanto à questão do debate racial em nosso país, pode-se dizer que ele vem se intensificando especialmente nos últimos anos, situação amplificada também pelo advento das redes sociais, que deram voz e vez mesmo àquelas pessoas distantes dos círculos acadêmicos³. Chama a atenção que essas discussões tomem vulto de forma alargada somente agora, num país com mais mulheres que homens e onde grande parte da população é negra ou parda.

Essa realidade encontra respaldo no mito⁴ da democracia racial brasileira, conceito baseado nas ideias de Gilberto Freyre, o qual pressupõe uma suposta igualdade social entre pessoas com diversas cores de pele, amparada na noção de que somos um país essencialmente mestiço, de uma formação que teria sido, portanto, pacífica. Essa ideia de que viveríamos em uma “democracia racial” supõe que o Brasil teria escapado dos efeitos do racismo, e que a mobilidade social dos habitantes não seria influenciada pela discriminação racial, mas por outros fatores, como classe e gênero.

Tais noções também encontram eco no conceito desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda — no livro *Raízes do Brasil*, cuja primeira edição foi publicada em 1936 — do “homem cordial”:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade — daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do

³ Essa experiência pós-moderna tem tido consequência até então inimagináveis, tendo em vista que aproximou o sujeito alvo de preconceito, muitas vezes, excluído dos círculos de difusão de conhecimento, de espaços em que sua fala pode ter repercussão, na medida em que também deixou livre o caminho para aqueles que nutriam sentimentos até então expressos de forma velada para encontrar pessoas que também agiam com comportamentos discriminatórios e assim tornar mais forte sua voz — numa experiência que a lei brasileira, pelo menos, apesar de diversos dispositivos de combate a práticas racistas, não consegue coibir de forma efetiva.

⁴ Assim o consideramos.

caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. (HOLANDA, 2012, p.48-49).

Percebe-se, entretanto, o quão danoso foi esse pensamento para a população negra de nosso país, pois o racismo sempre esteve presente em meio à nossa população de forma perigosamente velada e, de forma paradoxal, sempre exposta. Para notar isso, basta observar a quantidade reduzida de pessoas negras com acesso a cargos políticos mais importantes, ou mesmo nas artes, especialmente na Literatura. As histórias envolvendo personagens negros são dificilmente encontradas, e mais difícil ainda é encontrar aquelas que são relatadas através da perspectiva do próprio negro, que também ainda pouco se vê na tela da tevê ou do cinema.

Mesmo assim, a ideia de democracia racial ainda permeia o imaginário brasileiro, como se a pouca representatividade não fosse uma prova forte o suficiente de que essa ideia, na verdade, impediu por muito tempo que fossem implementadas políticas públicas efetivas para estabelecer um equilíbrio de forças entre a população negra brasileira e aqueles que não assim se caracterizam.

Se já é difícil a situação para o homem negro em termos de assertividade/representatividade, pode-se dizer que, para a mulher negra, o contexto se afigura como bem pior, tendo em vista que temos dois conceitos que se entrecruzam de modo a dificultar-lhe seu caminho: a sua *raça* e seu *gênero*. Angela Davis, em seu *Mulher, Raça e Classe* (2016)⁵, ao tratar sobre a situação das mulheres negras ao fim do século XIX, início do século XX nos Estados Unidos, relata que poucas conseguiram escapar, mesmo bastante tempo após o término da escravidão, do trabalho doméstico, sendo alvo de ainda toda sorte de humilhações e maus-tratos, como assédio por parte de seus patrões e outros abusos por parte de suas patroas (brancas):

As mulheres brancas — incluindo as feministas — demonstraram uma relutância histórica em reconhecer a luta das trabalhadoras domésticas. Elas raramente se envolveram no trabalho de Sísifo que consistia em melhorar as condições do serviço doméstico. Nos programas das feministas de “classe média” do passado e do presente, a conveniente omissão dos

⁵ Publicado originalmente em 1981.

problemas dessas trabalhadoras em geral se mostrava uma justificativa velada — ao menos por parte das mulheres mais abastadas — para a exploração de suas próprias empregadas. (DAVIS, 2016, p.104).

Observa-se, portanto, que até mesmo dentro do movimento feminista, que, à época relatada, reivindicava prioritariamente o acesso ao direito de voto, não existia (assim como não existe atualmente, embora seja esta a ideia que muitos tenham quando se fala em feminismo) uma pauta única entre as necessidades das mulheres. Exatamente porque as mulheres são diversas, cada uma com sua própria realidade/necessidade.

Direcionando-se, portanto, à ideia de um **feminismo negro**, Djamila Ribeiro discorre, no seu livro *O que é lugar de fala?* (2017), sobre a importância de assumirmos que essa diversidade existe, e que, se é real, não pode ser escondida, devendo ser explorada como modo de fazer com que seus efeitos danosos sejam superados. Para a pesquisadora,

Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos ativos que, historicamente, vêm pensando em resistências e reexistências. (RIBEIRO, 2017, p.14).

Concordamos integralmente com as palavras da pesquisadora supracitada, que expõem um pensamento que vai de encontro ao mito da democracia racial aqui já apresentado. No momento em que admitimos a existência de uma sociedade desigual, é possível criar estratégias para romper essa desigualdade. É exatamente isso que vislumbramos com a possibilidade da utilização dos textos de literatura de cordel em sala de aula, especialmente os que tratam sobre a temática de raça/gênero. A propósito desse assunto, trataremos, na seção a seguir, sobre esse tipo de texto e como pode ter uma aplicação efetiva na escola.

A literatura de cordel em sala de aula: superando o cânone e as temáticas tradicionalmente impostas

Importa observar, no início desta parte do trabalho, que a nomenclatura escolhida para nos referirmos ao tipo de texto aqui em pauta, a chamada “literatura

de cordel” é alvo de certa polêmica entre os estudiosos do tema. Alguns pesquisadores, como Márcia Abreu, no livro *História de cordéis e folhetos* (1999), procuram identificar como literatura de cordel aquela trazida da Península Ibérica. A autora realiza, portanto, uma distinção entre os termos “cordéis” e “folhetos”, atribuindo ao primeiro a característica de representar os textos advindos da tradição lusitana; e, ao segundo, a denominação do que teria sido a produção própria criada no Nordeste brasileiro, não havendo, assim, apenas uma imitação de modelos de além-mar.

A opção metodológica em nossas pesquisas de Doutorado tem sido, entretanto, não fazermos distinção de modo mais estrito entre as nomenclaturas, tendo em vista que a essência de nosso trabalho gesta-se sob a perspectiva de que a essencialidade da produção literária, e, em especial, do tipo de texto aqui abordado, não se perde através das mudanças de suporte ou gênero de autoria.

Parece-nos sim um contrassenso nos obrigarmos a chamar de “folheto”, um texto que agora está publicado rotineiramente em livros e não mais apenas nas tradicionais folhinhas de papel dobrado. Terá essa obra deixado de se tratar de literatura de cordel? E quanto aos autores e autoras que escrevem hoje fora do circuito de produção do Nordeste brasileiro: não será estranho dizer que produzem uma “literatura de cordel nordestina”? Indo mais além, o que dizer dos textos que cada vez mais são publicados em formatos digitais, aproveitando o potencial difusor de conhecimento da Internet? A própria autora que será apresentada mais à frente neste artigo, Jarid Arraes, publicou seus trabalhos em formato tradicional, como folhetos, e posteriormente agrupou alguns textos em um livro. Teriam deixado seus textos de ser considerados “literatura de cordel” apenas por mudarem de suporte físico? Consideramos que definitivamente isso não ocorre.

Sobre este assunto, Idelette Muzart-Fonseca dos Santos, em seu livro *Memória das vozes: cantoria, romanceiro e cordel* (2006), acrescenta que

A despeito dos protestos de diversos brasileiros que recusam esse termo importado e aposto sobre uma realidade popular brasileira por eruditos [...], a expressão literatura de cordel adquiriu pouco a pouco um nível de generalização que a oficializou, sendo adotada finalmente pelos próprios poetas populares. [...] Poetas e impressores parecem querer se adaptar à visão que lhes repassam sobre eles mesmos os pesquisadores e universitários que se “debruçam” sobre a questão [...]. (SANTOS, 2006, p.61-62).

A literatura de cordel, portanto, pode ser considerada como um tipo de texto que, tendo chegado ao Brasil ainda no século XIX, advindo da tradição ibérica, encontrou terreno fértil especialmente no Nordeste brasileiro, onde a realidade muitas vezes distante da urbanização proporcionou a oportunidade perfeita para que as histórias de donzelas e cavaleiros medievais se amalgamassem ao contexto local, transformando jagunços e cangaceiros, líderes religiosos, moças formosas e espertalhões em personagens próprios de uma literatura de expressão própria nordestina, a qual acabou tomando rumos particulares e libertos de uma obrigatoriedade temática e formal.

Chamada de cordel inicialmente por serem seus livrinhos vendidos em cordões além-mar, aqui, apesar da cristalização de seu nome, os artefatos eram oferecidos preferencialmente por folheteiros em tablados, e esses vendedores também eram os responsáveis por chamar a atenção de uma audiência em grande parte analfabeta, contando partes da história para que seu final fosse descoberto apenas a quem o comprasse. Advém daí a importância normalmente atribuída ao papel da performance na leitura dos textos de cordel, da oralidade, pois, feitos em forma de rimas com esquemas predeterminados, estavam predestinados à memorização e ao enlevo. O binômio performance/recepção, portanto, dentro da literatura de cordel, possui acentuada relevância dentro dos estudos nessa área.

Nossa escolha por tratar desse tipo de texto advém, assim, da multiplicidade de papéis a que a literatura de cordel já serviu, além de proporcionar o deleite inerente à própria literatura. Já foi considerada, por exemplo, o jornal do sertanejo, por apresentar os fatos do cotidiano a um público que normalmente não tinha acesso a notícias por vários motivos — como analfabetismo, distância dos centros —, ou mesmo *preferia* ver os acontecimentos narrados através da linguagem poética dos folhetos.

Além disso, e merecendo grande destaque dentro do campo educacional, também desempenhou papel importante na alfabetização de muitas pessoas que não tinham acesso a uma educação formal. Galvão (2010, p.185) chama a atenção para esse fato, mostrando que “Muitos estudos realizados sobre literatura de cordel no Brasil apontam o papel dos folhetos na alfabetização de um significativo número de pessoas, principalmente na época de seu apogeu”.

É bastante comum, portanto, encontrarmos pesquisas que tratam sobre a temática apontada acima, trazendo como principal papel da literatura de cordel junto a um contexto educacional a ideia de que ela serviu como um grande veículo alfabetizador especialmente nos rincões onde a oferta de educação formal era pouca ou inexistente, levando em consideração o papel lúdico que ela desempenhava, e o interesse que muitos tinham em conhecer as histórias sem depender de outra pessoa para lê-la.

Nosso foco neste artigo é, entretanto, observar que, na contemporaneidade, percebemos, mais que os papéis relatados, outras funções sendo incorporadas a esses textos. Nessa nova realidade referente à autoria e ao público-leitor, é possível encontrar várias cordelistas mulheres em atuação com um discurso engajado acerca da questão da mulher, como a escritora Salete Maria da Silva ou mesmo a autora enfocada neste trabalho, Jarid Arraes.

Muitos desses novos textos de cordel seguem numa perspectiva embalada por uma tomada de consciência, e a crítica literária feminista tem elaborado uma revisão crítica da tradição, auxiliando a visibilidade dessa produção, apresentando-se, portanto, com um viés político de relevo, tendo em vista, que, além de outras pautas, também reivindica a legitimidade da voz feminina no cenário da produção literária.

Segundo a autora Jarid Arraes (2016, p.12):

Com a literatura de cordel como aliada, o clichê de “mudar o mundo” não soa tão inalcançável. Os folhetos de cordel são baratos, acessíveis e extremamente fáceis de transportar e de compartilhar com outras pessoas. Melhor ainda: são ideais para utilização em sala de aula. Entre rimas, estrofes e melodias, muitos assuntos pertinentes podem ser tratados e debatidos.

Observamos, portanto, que a literatura de cordel pode servir, em sala de aula, como texto engajado em propiciar reflexões sobre diversas temáticas importantes, assim como a realidade feminina e as questões que permeiam uma sociedade onde o racismo ainda existe. Os livros paradidáticos costumeiramente utilizados em sala podem sim conviver com os folhetos de cordel em todas as regiões do Brasil, propiciando uma experiência muito mais ampla em termos de leitura.

Levamos em consideração que, no decorrer dos anos, muitas alterações ocorreram nas relações que cercam a produção cordelística, tanto em relação aos

produtores desse tipo de texto, quanto àqueles que o leem. Cada vez mais se aproximando da Academia, com muitos escritores hoje detentores do chamado “saber formal”, vivemos um momento em que a produção de cordel “ressurge”, com novos temas sendo incorporados a esses textos, notadamente se inserindo em uma tradição reivindicatória, e agora se revestindo da necessidade de abordar novas realidades, como os debates e a reflexão sobre gênero/raça.

A esse contexto, insere-se uma visão de literatura que não pode e não deve isolar-se em uma ilha onde o rigor formal e estético seja apenas o único tópico a ser apontado e valorizado — mesmo porque esse critério varia de sociedade para sociedade, com cada grupo agregando a importância que lhe convém. Não há como, então, valorizar apenas uma vertente, já que

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada como a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 1995, p.175).

Destaca-se, ainda, a dificuldade metodológica por parte dos estudos a respeito da produção cordelística sobre a inserção desta no cânone literário, o que por si só já lhe autorizaria a figurar como material próprio ao trabalho em sala de aula. Quando os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) afirmam a necessidade de trabalhar com todos os tipos de textos, trata-se de uma ação afirmativa, que, entretanto, deveria ser algo já natural, assim como é o trabalho com os textos já referenciados pelo cânone. Sobre o tema, Ria Lemaire (*online*) aponta que:

No caso do cordel, o termo *literatura* traz um complemento de definição, sendo ela classificada como *popular*, quer dizer: para, infra, ou sub-literatura. O que parece reabilitação, na verdade, torna-se uma estratégia de exclusão do folheto de cordel do campo da Literatura do cânone, ao sublinhar explicitamente a inferioridade daquele, a superioridade desta. (LEMAIRE, *online*, p.34).

Desse modo, mostra-se óbvia a grande dificuldade de encaixá-la em um cânone, que tem sido formado por um pensamento elitista durante muito tempo e que ainda hoje mostra sua intenção de realizar a defesa de uma tradição claramente voltada aos interesses de grupos detentores do poder, ressaltando-se aí

características claramente excludentes de uma produção literária efetuada por autores e autoras que ousem fugir aos padrões impostos.

É comum que seja apresentada a literatura como algo distante, hierarquizado, em um conceito que vai de encontro a uma concepção mais agregadora do que seria essa arte, que Antonio Candido (1995) considera, “da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura” (CANDIDO, 1995, p.174). Essa visão nos é cara, pois permite que consideremos a literatura de cordel como parte integrante desse processo, e não como algo estrangeiro, alienígena a um sistema pré-estabelecido, assim como foi visto, e muitas vezes ainda o é a própria literatura de autoria feminina, esteja ela inserida em qualquer contexto.

É importante ressaltar, entretanto, que trabalhar com textos de literatura de cordel é uma prática que vai ao encontro do que é proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) sobre o ensino de língua portuguesa, especialmente no que compete ao trabalho com a leitura. Como alguns dos objetivos gerais nesse campo para o ensino fundamental, os PCNs propõem que as aulas devem:

- valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos;
- conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia. (BRASIL, 1997, p.33).

Fica claro, portanto, através dos dois pontos apresentados acima, que o papel da leitura na escola deve ir além da possibilidade de fruição estética dos textos, atividade que muitos teóricos da Literatura ainda insistem em determinar como única em textos literários, excluindo destes outros objetivos. A leitura também pode propiciar o debate de questões importantes, levando em consideração que a escola se afigura, muitas vezes, como o único recurso das classes desfavorecidas para entrarem em contato com a cultura letrada.

Além disso, o segundo item apresentado mostra a importância de se observar o que Bakhtin (1997, p.313) afirma sobre a expressividade da palavra, ao observar que esta expressividade não é inerente à própria palavra, mas nascida do contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual. Temos, a partir daí, a tomada de um

juízo de valor. O exposto reforça, portanto, a ideia de que a língua não é isenta de intenções, que ela carrega valores e preconceitos de classe, credo, gênero e etnia⁶.

Desse modo, é possível valorarmos o quanto a literatura de cordel, um tipo de texto já comumente colocado à margem do cânone literário, é importante para vencer barreiras em sala de aula tanto na questão da linguagem, quanto em questões de discussões sociais:

O cordel funciona como uma agência de socialização cultural e cabe ao professor, no momento da seleção do texto para sua prática de leitura, compatibilizar diferentes critérios de avaliação como o tema, o jogo de sons, as metáforas culturais, os trocadilhos, entre outros. Esse processo de seleção depende muito de qual o objetivo da leitura do cordel e pode envolver duas etapas: a estética, que passa pela valorização do jogo com a construção formal do texto; e a política, que requer um debate crítico sobre o tema dramatizado. ” (CONCEIÇÃO; GOMES, 2016, p.100).

De acordo com o que foi exposto sobre a importância do uso da literatura de cordel para o fomento da leitura em sala de aula, apresentamos a seguir o trabalho da autora Jarid Arraes, com a exemplificação de um excerto de um de seus cordéis, *Dandara dos Palmares*, mostrando que é possível abordar questões sociais como as de raça e gênero aliadas à fruição estética, à beleza do texto, o que possibilita uma gama mais ampla de objetivos a se atingir com a leitura dentro da escola.

O debate posto em prática: os textos cordelísticos de Jarid Arraes

Jarid Arraes é uma escritora nascida em Juazeiro do Norte, mas que hoje mora em São Paulo. A autora, mesmo bastante jovem, possui já vasta produção cordelística, com mais de cinquenta títulos publicados na área de literatura de cordel, incluindo a coleção *Heroínas Negras na História do Brasil*, e, mais recentemente, o livro *As lendas de Dandara*, um texto que mistura ficção, história e um toque de fantasia, onde são narrados dez contos sobre a guerreira quilombola Dandara dos Palmares, companheira de Zumbi dos Palmares. A autora ganhou projeção ao trabalhar a vida de mulheres negras invisibilizadas pela historiografia oficial através da literatura de cordel. Nomes importantes, mas ainda pouco

⁶ Esses dois últimos aspectos especialmente caros à nossa pesquisa.

conhecidos, como Acotirene, Agontimé, Luisa Mahin ou Maria Firmina dos Reis, figuram entre as protagonistas de seu trabalho.

Afigura-se como extremamente importante que os textos da literatura de cordel toquem em questões como as apresentadas, pois, segundo Santos (2006):

A literatura de cordel assume assim, com as literaturas da voz, de que constitui a memória e a escrita, um papel de organização codificada do conjunto do aprendizado comunitário, de seu passado e de seu imaginário, uma função identitária e poética. (SANTOS, 2006, p.142).

A própria autora relata sobre o seu trabalho e a interligação deste com o contexto educacional:

Nos últimos quatro anos, desde que comecei a publicar os meus cordéis, recebi centenas de mensagens com depoimentos de educadores que compram meus folhetos e utilizam minhas rimas para falar sobre questões raciais, de gênero, de diversidade sexual e história. Com a série *Heroínas Negras na História do Brasil*, séculos de esquecimento começam a ser rompidos e muita gente escuta falar, pela primeira vez, sobre as mulheres negras que foram líderes quilombolas e guerreiras na luta contra a escravidão. Pelo cordel, nomes como Tereza de Benguela, Dandara dos Palmares, Zacimba Gaba e Mariana Crioula protagonizam discussões acaloradas sobre racismo e machismo; até mesmo uma aula de português pode ser a oportunidade perfeita para colocar essas questões em pauta⁷. (ARRAES, 2016, p.12).

Ela continua seu texto afirmando que a literatura de cordel, além de ser excelente para entreter e divertir, é melhor quando consegue contribuir para transformar a sociedade, gerando uma realidade onde exista mais equidade e respeito pela diversidade.

No folheto de cordel *Dandara dos Palmares*, a personagem homônima é assim apresentada:

Pra falar dessa guerreira
Faço humilde reverência
Pois Dandara dos Palmares
Tem importante influência
É para as mulheres negras
Cheia de resiliência.

A História é que não conta
Sobre a vida de Dandara
Pois além de ser racista
Seu machismo se escancara
Sem um pinga de respeito
E sem vergonha na cara.

⁷ Grifo nosso.

Se você já ouviu falar
Da história de Zumbi
Peço então sua atenção
Pro que vou contar aqui
Que talvez você não saiba
Por isso eu vou insistir. (ARRAES, [201-], p.1).

A introdução do texto já demonstra um pensamento que Irandé Antunes (2009, p. 193) apresenta quando afirma que só o homem “emerso”, na visão de Paulo Freire, é capaz de perceber o entorno; por isso mesmo, a leitura é importante, tendo em vista que ela nos dá o poder para finalmente percebermos o que nos circunda. Desse modo, seria possível assumirmos nosso papel como cidadãos e sermos protagonistas na construção de uma sociedade que respeite a lógica do bem coletivo e dos valores humanos.

O texto deixa antever também o que Funck (2016, p.196) demonstra ao afirmar que “o ensino de literatura pode — e deve —, ao contemplar o gênero como *locus* de produção de sentido, cruzar as fronteiras [...] entre as mais diferentes comunidades raciais e culturais”. Apresentar um texto como a literatura de cordel, já afastado do cânone literário — dominado pelos “‘grandes mestres’ a partir de uma visão patriarcal, racista e colonialista” (FUNCK, 2016, p.195) a alunos e alunas das mais diferentes realidades, com um viés que contemple questões de raça e gênero, constantemente diminuídas ou postas à margem, é tarefa de resistência e digna do maior valor como objeto de transformação social.

Segundo os PCNs (1997, p.41), a leitura na escola deve ser trabalhada “com a diversidade de textos e de combinações entre eles [...] com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura”. A dimensão política do texto, portanto, não deve ser, de forma alguma, desconsiderada. Assim, quando se fala em resgate da memória de mulheres negras apagadas da história, isso implica visibilidade e representatividade, o que pode mudar todo um panorama social, especialmente para grupos como a população negra e de mulheres.

Segundo a própria autora do folheto aqui exposto, combater o quadro apresentado

[...] é um desafio árduo, pois ainda vivemos em uma cultura que se recusa a falar sobre o racismo e a misoginia, muitas vezes rejeitando o exercício do debate e recorrendo a clichês e equívocos, como aqueles que tentam vender a ideia de uma democracia racial inexistente no Brasil. No campo da educação, nas escolas e universidades, essas mentiras também continuam

a ser contadas como verdades e, assim, nossa cultura vai se construindo cada vez mais sobre a desvalorização e inferiorização da população negra. (ARRAES, *online*).

É preciso, portanto, tentar alterar esse cenário dentro do espaço da escola. A Literatura pode e deve ser uma das ferramentas para uma mudança possível em nosso país. Basta saber como usá-la da forma mais adequada aos diferentes objetivos que ela propicia.

Conclusão

A proposta deste artigo vem carregada pela ideia de que

As desigualdades só poderão ser percebidas — e desestabilizadas e subvertidas — na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução. Isso implica operar com base nas próprias experiências pessoais e coletivas, mas também, necessariamente, operar com apoio nas análises e construções teóricas que estão sendo realizadas. (LOURO, 2003, p.121).

Baseando-se nisso, acreditamos que tratar sobre questões de gênero e raça em sala de aula é tarefa importante se queremos transformar a experiência de ensino em momento emancipatório para alunos advindos das mais diferentes realidades. Sendo assim, entendemos que o tema não se esgota apenas em um artigo, e pode ser desenvolvido em experiência de campo, com o desenvolvimento de projetos que possam ser sistematizados e aplicados em escolas dos mais diferentes níveis de ensino, tendo em vista que o trabalho de formação de leitores não se restringe à mera decodificação das palavras, mas se amplia com vistas à compreensão do mundo.

Os PCNs (1997, p.36) indicam que um “Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua”. Sobre essa realidade, temos que ter em mente que nem sempre essas necessidades são reconhecidas pelo sujeito, observando que temáticas como as reivindicações advindas dos debates sobre gênero e raça costumam ser invisibilizadas pelo *status quo*, que abrange tanto o cânone literário como a historiografia oficial.

Em um período marcado pelo crescimento de discursos conservadores que visam à manutenção do poder social nas mãos dos grupos dominantes, utilizar a literatura de cordel, um gênero já costumeiramente posto à margem, para tratar de outros temas também marginalizados, é promover libertação das amarras muitas vezes invisíveis que oprimem inúmeras pessoas. Segundo Paulo Freire (1997, p.20):

[...] ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da *compreensão*. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da *compreensão* será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na *experiência escolar* aos que resultam do mundo da cotidianeidade.

Que consigamos, portanto, refletir sobre o ensino de leitura/Literatura para propiciar uma verdadeira *compreensão* do mundo (com as tantas questões delicadas dentro dele — neste artigo, destacamos apenas algumas delas) e não só a mera decodificação de palavras, ou o simples ato de decorar nomes e narrativas para uma posterior cobrança em prova. O ato de emancipação deve passar pela escola. Ler é uma das principais ferramentas para atingir este objetivo.

Referências

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ARRAES, Jarid. "A literatura de cordel como tradição transformadora". In: *Revista Blooks*, jul./ago.2016. Rio de Janeiro/São Paulo: Ginga Edições, 2016.

_____. *Dandara dos Palmares*. São Paulo: [s.n.], [201-].

_____. *Por uma educação que reconheça as lideranças negras*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/por-uma-educacao-que-reconheca-as-liderancas-negras>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CONCEIÇÃO, Claudia Zilmar da; GOMES, Carlos Magno. "A oralidade do cordel no ensino de literatura". In: *Terra roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários*, v. 31, 2016.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FUNCK, Susana Bornéo. *Crítica literária feminista: uma trajetória*. Florianópolis: Insular, 2016.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O homem cordial*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

LEMAIRE, Ria. *Fonte de informação e conhecimento, folclore ou literatura: o cordel como fenômeno multicultural*. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/263425899/Livro-Ria-Lemaire>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. *Memória das Vozes: cantoria, romanceiro e cordel*. Prefácio de Armindo Bião – Trad. Márcia Pinheiro. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2018

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.